

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Artigos Livres

Volume 22 | Número 1 | Ano/período: Janeiro/Abril 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i1.14366

ISSN: 2763-8804

Cemitério das Irmandades:

um produto turístico que guarda vivo em seu acervo tumular um espaço de memória e História de Jaguarão/RS.

Larissa Bitar Duarte¹  

DOAJ
DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

DUARTE, Larissa Bitar. Cemitério das Irmandades: um produto turístico que guarda vivo em seu acervo tumular um espaço de memória e História de Jaguarão/RS. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 22, n. 1, p.160- 174, Jan/Abr 2023.

Recebido em:27/05/2022 | Aprovado em: 28/02/2023 | Publicado em: 20/03/23

¹Mestre no curso de Desenvolvimento Regional da Faculdades Integradas de Taquara (2016) (FACCAT/RS), pós graduada na Universidade Anhanguera no curso MBA - Gestão Estratégica de Negócios (2013), possui graduação no Curso Superior de Turismo Cultural pela Universidade Católica de Pelotas (2001). Pesquisadora em projeto de pesquisa e extensão na área de Turismo em parceria com a Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão, e no projeto de pesquisa e extensão Turismo Pedagógico (2013). Atualmente é professora Substituta do Curso de Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa aprovada em 2019. Doutoranda na PPG de Turismo e Hospitalidade, na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Cemitério das Irmandades:

um produto turístico que guarda vivo em seu acervo tumular um espaço de memória e História de Jaguarão/RS

Resumo: O Cemitério das Irmandades da cidade de Jaguarão (RS) possui em seu espaço tumular um acervo histórico cultural e identitário que permite uma leitura dos processos culturais inseridos no século XIX, dentro desse contexto da morte, dos mitos e dos ritos fúnebres é que se desenha o espaço tumular nas questões da arte e das evidências apresentadas em seus mausoléus suntuosos e cheios de alegorias da época, diante do exposto cenário, o artigo tem o objetivo de analisar, refletir sobre a transformação do espaço cemiterial no cemitério das Irmandades criando um produto turístico cultural, onde o roteiro de visita, promoverá a importância da preservação do bem, em que sua valorização manterá viva a memória e a identidade do povo de Jaguarão, enaltecendo a história, a arquitetura e a paisagem cultural. Para o desenvolvimento desta pesquisa a identificação, caracterização e análise da arte tumular, assim como o levantamento bibliográfico forma essenciais para a obtenção de um cenário histórico que atravessa gerações e preserva as tradições dos enterramentos.

Palavras-chave: Mitos. Morte. Ritos. Turismo Cemiterial.

Cemetery of irmandies:

a tourist product that keep alive in its tomb collection a space of memory and History of Jaguarão/RS

Abstract: The Cemitério das Irmandades in the city of Jaguarão (RS) has in its tomb a historical, cultural and identity heritage that allows a reading of the cultural processes inserted in the 19th century, in this context of death, myths and funeral rites. space in terms of art and testimony presented in its sumptuous mausoleums and full of allegories of the time, before the exposed scenario, the article aims to analyze, reflect on the transformation of the cemetery space in the cemetery of the Brotherhoods, creating a cultural tourist product, where the visit script will promote the importance of preserving the property, in which its valorization will keep alive the memory and identity of the Jaguarão people, exalting the history, architecture and cultural landscape. For the development of this research, the identification, characterization and analysis of the mound art, as well as the bibliographic survey, were essential to obtain a historical scenario that spans generations and preserves the burial traditions.

Keywords: Myths. Death. rites. Cemetery Tourism.

Cementerio de irmandies:

un producto turístico que mantiene vivo en su colección tumba un espacio de memoria e Historia de Jaguarão/RS

Resumen: El Cemitério das Irmandades en la ciudad de Jaguarão (RS) tiene en su tumba un acervo histórico, cultural e identitário que permite una lectura de los procesos culturales insertos en el siglo XIX, en ese contexto de muerte, mitos y ritos funerarios. espacio en materia de arte y testimonio presentado en sus suntuosos mausoleos y llenos de alegorías de la época, ante el escenario expuesto, el artículo pretende analizar, reflexionar sobre la transformación del espacio del cementerio en el cementerio de las Cofradías, creando un producto turístico cultural, donde el guión de visita promoverá la importancia de preservar el bien, en el que su valorización mantendrá viva la memoria y la identidad del pueblo de Jaguarão, exaltando la historia, la

arquitectura y el paisaje cultural. Para el desarrollo de esta investigación, la identificación, caracterización y análisis del arte túmulo, así como el levantamiento bibliográfico, fueron fundamentales para obtener un escenario histórico que atravesase generaciones y conserve las tradiciones de los entierros.

Palabras clave: Mitos. Muerte. Ritos. Turismo de Cementerio.

A cidade de Jaguarão (RS) está situada no extremo sul do Brasil fazendo fronteira com a cidade vizinha de Rio Branco no Uruguai, e possui ainda viva na memória e na história da comunidade vestígios de um passado rico em elementos que compõe o cenário museal, composto por lutas e batalhas que deram origem a cidade e a transformaram, através do tempo, em um grande museu a céu aberto diante do acervo histórico que a cidade abriga.

Frente a esse cenário existente e evidenciado, o Cemitério das Irmandades torna-se um potencial a ser explorado como um produto turístico, haja vista a importância que esses espaços cemiteriais já possuem nacional e internacionalmente, fazendo uma referência a espaços museais, visitados por pessoas que buscam conhecimento histórico e cultural, tendo em vista a relação de informações ali contidas e preservadas nos bens fúnebres, como destacam Osman e Ribeiro (2017).

Em cenário nacional, os autores mencionam:

[...] os tradicionais cemitérios paulistas também surpreendem, revelando que além de seus muros estão não apenas mortos ilustres como também um rico acervo cultural, de um tipo de arte, chamado de arte tumulária ou arte tumular, arte cemiterial ou ainda arte funerária, cuja manifestação é predominante e típica do final do século XIX até aproximadamente meados da década de 1950. (OSMAN; RIBEIRO, 2007, p.10).

O campo Santo com suas potencialidades resgata valores do patrimônio cultural edificado, sendo guardião de inúmeras temporalidades e transformações da sociedade jaguarense, pois estão evidenciados em seu espaço através de quadrantes que delimitam a área a ser trabalhada como um produto turístico, cujo roteiro de visita ao Cemitério das Irmandades perpassa as informações de cunho histórico, e permeia pelo artístico e paisagístico da necrópole.

Sendo assim o projeto justifica-se pela necessidade latente de investigação científica acerca da identidade que se confere ao patrimônio com sua memória empírica resguardada em um espaço que é muitas vezes, representado como solitário, silencioso e de respeito, como é o caso da necrópole, conversando com a história que nestes locais está explicitamente marcado em sua arte tumular e nos mortos ilustres que estão

enterrados no campo santo, onde identifica-se a identidade, a memória e o patrimônio da cidade de Jaguarão.

Com isso, o interesse sobre o assunto partiu da observação da importância que o Cemitério das Irmandades possui perante a avaliação de arquitetos e estudiosos da História de Jaguarão e do Rio Grande do Sul, e de vários outros profissionais que vem estudando e pesquisando sobre o Cemitério das Irmandades, tornando as visitas ao campo santo mais frequentes na busca de informações de grandes personalidades e também, de parentes que ali jazem e que são referência para suas árvores genealógicas, fazendo com que as visitas tenham um outro valor não só de saudade, mas sim de pesquisa e conhecimento na exploração do bem cultural.

No entanto, por estar afastado do centro histórico da cidade ou, por falta de informação, não ocorrem visitas turísticas, diferentemente de outras cidades que exploram esse tipo de Cultura como mais um importante ponto de visitação, onde de acordo com Brandão (2016) os cemitérios constituem uma grande fonte de pesquisa geográfica, histórica, sociológica, antropológica, linguística, literária, artística, arquitetônica, arqueológica, hidrogeológica, pedológica, genealógica e heráldica, demográficas e turística.

Com todo esse cenário, é possível concluir que esse espaço é muito rico em informações e de registro de memória. Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como escopo o estudo aprofundado da identidade e memória desse acervo tumular, construído através de seus ritos e mitos, que conserva a paisagem cultural do lugar dito de memória, e resgata sua valorização e inclusão nas rotas de visitação turística, como ferramenta do desenvolvimento econômico e social do município. Com esse panorama, torna-se muito favorável a exploração do turismo cultural e da educação patrimonial.

O cemitério pode ser definido como o espaço de memória, em que se mantem viva as lembranças, reminiscências e vestígios que servem como registros permitindo assim a construção de uma identidade individual e coletiva, estabelecendo uma relação entre o passado e o presente, permitindo enxergar o futuro. Sendo um elemento vivo, a memória pode sofrer alterações ao longo do distanciamento espaço/ tempo. Farah (2008), afirma que a memória é parte constituinte da identidade e através dela o indivíduo revive experiências que necessitam de suporte do espaço físico. O cemitério é um marco e um suporte de memória, sua manutenção é uma forma de preservação da identidade local e da permanência de elementos históricos.

Assim, este artigo tem como objetivo refletir sobre a transformação do espaço cemiterial no cemitério das Irmandades criando um produto turístico cultural, onde o roteiro de visitação, promoverá a importância da preservação do bem, em que sua

valorização manterá viva a memória e a identidade do povo de Jaguarão, enaltecendo a história, a arquitetura e a paisagem cultural.

Para tanto, essa pesquisa utilizou de levantamento bibliográfico sobre a temática cemitério, memória, turismo, turismo cemiterial, ritos e mitos nos enterramentos, sendo considerados artigos que abordavam em seus escritos a potencialidade do desenvolvimento do espaço mortuário como destinos turísticos que promovem a cultura e a educação patrimonial, valorizando os espaços como um centro de informações que perpassa o tempo relacionando a memória e a identidade do lugar.

Turismo no espaço cemiterial

O ser humano desde sempre caracteriza a morte com misticismo, magia, mistério e segredo, com essa percepção o fenômeno natural é discutido em religião e ciência com diversas opiniões, a mais aceita é que o cessar da consciência na opinião de estudiosos já se compreende a morte, para outros somente o cessar dos batimentos cardíacos é que a caracteriza, mesmo assim nas diversas formas de ver, o homem é o único ser que tem a consciência de que ela existe e através de suas atitudes e crenças revela-se a maneira como ele encara a passagem da vida para a morte.

Ainda assim, o homem muito questionou a possibilidade da subsistência à morte, desafiando situações referentes a seus limites na vida terrena, com a morte comprova-se a consciência do homem de seu próprio fim, ao que se segue à morte surge a esperança de uma vida em outro plano, para superação da crise dessa impotência. Bellomo (2008) destaca que devido os sentimentos perante a morte, surgiram os ritos que fazem reverências ao processo de funeral, conservando a memória dos que ali jazem, mas que no fundo apresentam o inconformismo com essa condição e um meio de sobreviver em outra dimensão.

Como forma de manter viva a memória de quem se ama, o homem cultiva os mitos e ritos da passagem entre a vida e a morte, e esses processos vão se transformando ao longo do tempo, os campos santos são testemunhos da alteração da paisagem cultural, um dos momentos históricos é a intervenções da coroa Portuguesa no Brasil no século XIX, que passa a proibir enterramentos dentro das igrejas ou cerca da zona urbana, pois em virtude das ações de prevenção contra doenças contagiosas, de melhorias de condições de higiene e com o aumento das populações nos centros urbanos, começam a ser construídos cemitérios afastados protegendo à população de doenças contagiosas.

Sendo assim, diante de transformações do tempo na paisagem cultural evidencia-se que os campos santos são testemunhos de momentos históricos de um lugar, que podem ser contados através das visitas guiadas que permeiam pelo acervo patrimonial material e

imaterial neles contido, como potencial turístico a ser explorado faz-se necessário perceber o contexto que envolve a paisagem mortuária dos museus a céu aberto, pois certos mistérios no imaginário são evidenciados através de figuras e elementos que compõe o cenário do campo santo.

No turismo de necrópole deve-se ressaltar que esses lugares de memória são envoltos por um sentimento de encanto e rejeição dentro de um mosaico cultural, exercendo por si só um quadro de paradoxos de sentimentos e imaginários.

Nas visitas aos extramuros dos cemitérios, pelos corredores da saudade, é fundamental que a condução dos visitantes seja contemplar a história, a arte e a memória do espaço, relatando os fatos importantes dos acontecimentos do campo santo, personagens ilustres, momentos da história que marcaram uma época ou a simbologia que evidencia a sociedade nela contida. Nessa mesma linha de pensamento Brandão (2016) destaca que o turismo cemiterial fica evidente no teor cultural, artístico e histórico, relacionando o turismo mórbido como lugares assombrados, mas de conhecimento e educação

Ao conceituar o turismo cemiterial Pegas (2013) interliga as visitas ao espaço com sentimentos de dor, sofrimento e morte, referindo-se ao processo como turismo escuro, turismo mórbido, turismo macabro e dark turismo, ao estabelecer uma relação percebe-se que os autores expressam sentimentos de dor e medo, mesmo assim, a busca pelas emoções, conhecimento e experiências promovem o espaço como um espaço de educação patrimonial.

Ao destacar a importância dos cemitérios como espaços de educação patrimonial, em sua pluralidade milenar expõe elementos que conversam com a vida e com o propósito de conferir a imortalidade ao sepultado, o turismo cultural contribui para a prática da inserção da identidade e da memória ao que se refere as diferentes representações da morte em relação às diferentes crenças religiosas, simbologias evidentes no acervo tumular, ideologias políticas e expressões artísticas daqueles que estão enterrados no campo santo, mantendo viva a memória daqueles que amamos.

A morte e os ritos

Como forma de entender a passagem do tempo nas transformações no que se refere ao processo antes, durante, e depois da morte, é importante analisar as formas nas quais se costura o turismo cemiterial, neste contexto o autor Nicácio (2006) observa que o turismo é uma atividade que vem sendo exercitada desde a antiguidade nas mais diversas partes do mundo, pois se podem observar os deslocamentos de pessoas para celebrar os ritos referentes à morte de familiares e amigos, evidenciando o chamado turismo

cemiterial. Para entendimento do rito fúnebre, em que a arte cemiterial evidencia-se, traçasse uma linha temporal, dirigida a um entendimento pormenor do contexto social e cultural, entre a pré-história e o século XX, que fez originar o ambiente, transformado em um museu a céu aberto. Em tempos mais remotos, no período pré-histórico o homem descobriu que, para a preservação do corpo fora da ação dos abutres e das bactérias, era importante guardar os mesmos em grutas naturais.

Por essa atitude do homem, mais tarde foram encontradas grandes ossadas humanas do período pré-histórico. Já na antiguidade, nas civilizações egípcias, os homens acreditavam que voltariam a viver depois de sepultados, por isso as pessoas que acompanhavam o seu sepultamento praticavam rituais, enterrando junto com o falecido os objetos necessários como vinhos, alimentos, armas, roupas e aprendiam a embalsamar o corpo do morto, em forma de múmia. Entretanto para os faraós eram construídos túmulos diferenciados, em forma de pirâmides, em se tratando de gregos, as cerimônias fúnebres eram semelhantes, sendo realizados os mesmos cuidados pelos familiares, que acreditavam que as almas dos falecidos tornavam-se divindades que cuidariam de seus parentes como forma de 36 agradecimento pelo ritual de derramação de vinho e alimentos para lhes matar a fome e a sede (Bettega, 2004 p.97).

Igualmente, os gregos olhavam a morte de maneira mais realista, pois Aristóteles afirmava que a “morte era a mais terrível das coisas terríveis; é o fim e nada pode ser nem bom nem mal para o morto” (Ferreira, 2009). Em se tratando da civilização grega, também afirmavam que o sono era irmão gêmeo da morte, por isso os cemitérios eram chamados de “lugar onde se dorme”, os povos romanos encaravam a morte como um cumprimento de um ciclo da vida, sendo apenas a passagem de um estado para outro, em que devido ao poder político dos romanos que conquistaram vários povos, a civilização romana assimilou crenças e cultos de várias nações. Sendo assim, foram diversas as elaborações de seus rituais fúnebres, como exemplo construíram obeliscos, templos, monumentos, grandiosos túmulos e necrópoles afastadas das cidades, em reverência aos mortos.

Já para os gregos a estrutura construtiva influenciou essencialmente na arte cemiterial romana, onde eles adotaram as colunas dóricas, jônicas e coríntias para a realização dos seus túmulos (Borges, 2013). Na Idade Média, a Igreja era o órgão responsável pelo corpo dos mortos cristãos, sendo ela a cuidadora do cadáver, dos costumes fúnebres, dos enterros e tudo que envolvesse o sepultamento. Segundo Elusta (2008), o ritual do sepultamento começava na casa do falecido, seguia em direção à igreja com a finalidade de realizar-se a inumação.

A partir desse processo, estabelecia-se uma ligação da morte com o início da vida eterna em um espaço sagrado, sem identificação individual do sepultado. A partir do século XII, os túmulos passaram a receber identificação individualizada com o

aparecimento da classe burguesa que com sua emergência passa a exigir essa identidade. Bauman (2001) comenta que a partir da Idade Moderna os túmulos tornam-se cada vez mais visíveis, devido ao culto à saudade pelos entes familiares. Assim, com a materialização dos túmulos que também demonstravam o status social da família, os antigos costumes greco-romanos voltam a reportar-se no tempo. Ao final do século XVI e início do século XVII, Foucault (1996) salienta que o mundo europeu passa a preocupar-se com a população em relação ao seu estado de saúde.

Sendo assim, o cuidado sanitário do povo passa a ser de interesse do estado que desenvolve projetos de melhoria de saúde das pessoas, tendo em vista que a população estava carente de saneamento básico, foi preciso desenvolver uma articulação da medicina social com a estrutura das cidades. A água e o ar, elementos básicos da saúde, deveriam ser controlados, através de purificações e ventilações de maneira que se mantivessem saudáveis, pois eram considerados provocadores de doenças. Devido a esse processo de reestruturação urbana, foram implantados espaços cemiteriais para o sepultamento das pessoas contaminadas, que não resistiam às doenças, espaço esse, determinado longe dos conglomerados das cidades.

Diante disso, relaciona-se o processo de urbanização em função do excesso de epidemias, ainda Foucault (1996) comenta que os cadáveres – cujos familiares que não tinham condições de pagar um túmulo individual – eram jogados uns sobre os outros no interior do cemitério, inclusive até sobre os muros. Essa menção refere-se ao descaso no Cemitério dos Inocentes, no centro de Paris, mas o mesmo fato ocorria com todas as cidades europeias, causando pânico e doenças. No que se refere aos sepultamentos realizados nas igrejas, o excesso de cadáveres originava odores, sendo assim a acusação de feitos pela alma e nada feito pelo corpo do morto, pesou sobre os ombros da igreja.

Já Bellomo (2000) destaca que no Brasil o processo de sepultamento dos mortos nas igrejas, mesmo em tempos modernos, era realizado pelos colonizadores com a mesma intenção dos enterros anônimos medievais com a finalidade dos falecidos ficarem perto dos santos. Ainda, de acordo com Silveira (2010) a Igreja Católica – no Brasil Colônia – mantinha a necessidade dos sepultamentos dos católicos nas igrejas, para confirmação que o templo era lugar de convívio entre mortos e vivos, o local onde os mortos deveriam ser enterrados poderia ser tanto na área interna ou externa da Igreja.

A morte e os mitos

No século XIX, os homens católicos mantêm a crença sobre as condenações de suas atitudes na vida terrestre que deveriam pagar após a morte, que significava o começo da vida no reino invisível, por esse motivo os homens tratavam de todas as maneiras para salvar suas almas. Os pecados mortais determinavam sofrimentos às almas maculadas que causariam sua passagem para o inferno. Dentro desse contexto, Silveira (2010) identifica que o homem católico deseja ansiosamente condições para sua salvação ou para “o morrer bem,” com essa ideia os homens pensavam em praticar o bem, temendo inclusive o purgatório que era um espaço de purificação da alma, como forma de contrição dessas almas os vivos praticavam as preces com a intenção de alcançar as almas dos mortos.

Como marco de mudança na forma de sepultamentos, no século XIX, no Brasil, foram introduzidos pela família real, a partir de 1808, os enterros fora das igrejas. Cabe destacar que a proibição dos sepultamentos em espaços fechados ocorreu a partir da metade do século XIX pela corte imperial, que determinou em 5 de setembro de 1850 através do decreto nº 583, a construção de novos cemitérios a céu aberto, mesmo após o decreto da corte imperial, igrejas no Brasil, preservam seus túmulos dentro dos templos. Faz-se importante esclarecer a forma de sepultamentos da época, onde Silveira (2010) descreve como as pessoas eram sepultadas na parte exterior das igrejas.

[...] No espaço dentro do corpo do templo encontravam-se as campas que eram pequenos quadrados de madeira, cobriam o chão de um metro e meio de comprimento e distante dez centímetros entre uma cova e outra, no lado externo, chamado adro, localizavam-se as sepulturas consideradas com desprestígio, que eram adquiridos sem custo por escravos e pessoas pobres.

Diante desse cenário o interior dos templos católicos se dividia em três áreas distintas para o cemitério de campas. No corpo da nave das igrejas estão as campas de tamanho maior e prestígio menor e as sepulturas de valor maior estão situadas na capela mor. Vale ressaltar que esta prática nunca deixou de existir, segundo a historiadora e pesquisadora Sial (2007). Outra forma de preservar a memória do morto é o modelo que pode ser encontrada nas igrejas antigas de Recife, tendo em vista que as irmandades, confrarias ou a própria paróquia, como fonte de renda, exercem essa prática em que os mortos são enterrados em cemitério das cidades e após o prazo de dezoito a trinta e seis meses, os restos são exumados e levados para serem guardados nas igrejas chamados ossários, que geralmente encontram-se onde estavam as catacumbas; para obtenção do espaço, é necessário o pagamento de uma joia acrescida das taxas anuais.

Ao reportar-se ao século XIX, como forma de diferenciação dos membros da realeza e nobreza, eram realizadas construções de túmulos suntuosos que demonstravam a riqueza e a posição social. Com a chegada de Dom João VI, que possibilitou a entrada no Brasil de túmulos importados da Itália, Portugal e França, o estilo artístico barroco da

igreja católica foi aos poucos sendo substituído pelo estilo neoclássico. Dentro desse conceito Rezende (2000) afirma que a mulher representava um papel inferior na sociedade, haja vista que os cemitérios de origem europeia possuem espaços tumulares visivelmente marcados pelo patriarcalismo, pois o destaque é dado ao nome do patriarca da família.

Ainda Borges (2013), por seu turno, destaca que no século XIX haviam outras formas de evidenciar a família e a importância social na comunidade, o arquiteto Francês César Daly propôs uma teoria sobre cemitérios com questões dirigidas à saúde pública e à cultura familiar, onde todos os monumentos funerários deveriam expressar três ideias ou sentimentos: a ideia da morte, a ideia religiosa e a homenagem ao morto, sendo preservada arquitetura funerária da época não sendo afetada pela proposta e permanecendo sua produção nos moldes anteriores.

Nos séculos XX e XXI, as representações das artes dos cemitérios começam a ser estudadas no Brasil, evidenciando a importância dos campos santos para a história da sociedade local, nesse sentido, Charão (2009) comenta que na Bahia, Clarival Valadares inicia a pesquisa cemiterial catalogando túmulos baianos como uma nova área de análise cultural, comportamental, arquitetônica e patrimonial. Já no Rio Grande do Sul o professor Harry Rodrigues Bellomo consolida os estudos com sua tese de mestrado, apontando os valores, crenças, estruturas projetadas pela sociedade nos cemitérios mais importantes do estado.

Desta forma os Campos Santos são fontes escritas e não escritas para história, permitindo a compreensão das relações sociais que estão sempre em transformação, mas que mesmo assim marcam a identidade de um povo, fazendo referência aos valores da época, dando abrigo as informações e transmissão de conhecimento histórico e arquitetônico permitindo que esses cemitérios se tornem museus a céu aberto. Pereira (2013) acrescenta que antes do sepultamento, seja nos cemitérios ou nas igrejas, de maneira suntuosa ou precária, em evidência com arte tumular ou não, os ritos como evento da morte continuam a ser realizados.

Pensando assim, por mais desafiador que seja o enfrentamento da morte, lidar com ela torna-se necessário, pois a dor é inevitável e homem procura maneiras de amenizar esse sofrimento. Nesse sentido Pereira (2013) descreve como exemplo, a igreja católica que segue ritos tradicionais e presentes no imaginário religioso, como a unção dos enfermos, as exéquias, a missa do sétimo dia e a tradição de se rezar pelos mortos. A igreja pratica o sacramento da unção como a preparação para a morte, ela não cura o doente, mas ajuda na maneira de se lidar com a enfermidade e a impotência diante da morte.

Assim também as exéquias envolvem as cerimônias fúnebres, tristes, emotivas durante a encomendação das almas, em que caracteriza-se o velório como forma de

cerimônia pelo comparecimento de pessoas junto ao defunto exposto durante o período anterior ao seu enterro ou cremação, para a família é sempre muito doloroso o sentimento de perda, pois com o óbito ocorre uma transformação na vida da família, e a missa de sétimo dia é realizada como marco simbólico divisório entre o período da morte e o começo de um novo ciclo na vida familiar.

Cemitério das irmandades

Como forma de entendimento do contexto histórico explícito e abordado, e do potencial turístico do cemitério das Irmandades de Jaguarão, é importante resgatar a origem da cidade, que se relaciona com a história contida no espaço museal proposto, pois a cidade se desenvolveu a partir de um acampamento militar português com uma guarda de 260 homens da esquadra do Cel. Manoel Marques de Souza, que se instalou as margens do Rio Jaguarão em 1802 para proteger a fronteira das guerras e lutas contra os espanhóis, haja vista que o Tratado de Santo Idelfonso não especificava os limites de cada coroa, Portuguesa e Espanhola. A partir desse acampamento foi se formando um povoado, logo em seguida em 1812 passou a ser a Freguesia do Espírito Santo e em 1832 foi elevada à categoria de Vila do Espírito Santo do Cerrito de Jaguarão.

Sendo assim Jaguarão sempre foi cenário de guerras, lutas e movimentos políticos, participando ativamente de discussões que culminaram com a simpatia aos movimentos revolucionários de 1835 que comandado pelo General Bento Gonçalves, onde permaneceu resguardando a fronteira da região de 1811 a 1827 não dando tréguas a Artigas (Banda Oriental), cujo os sonhos de pátria grande incluíam além do Uruguai, uma parte do Rio Grande do Sul (caderno Jaguareense, 2013).

Em 1833 o General Bento Gonçalves, então líder político não se encontrava mais na vila, mas havia deixado rastros de sua liderança na presença de dois sacerdotes católicos que faziam parte das primeiras legislaturas da câmara de vereadores, o Padre Thomas de Souza Siqueira e Silva e o Padre Themudo Cabral Diniz, ambos eram maçons e republicanos, dentro desse contexto histórico e político das tomadas de decisão na Revolução Farroupilha, Jaguarão participou ativamente dos ideais republicanos liderados pelo General Bento Gonçalves juntamente com seu irmão Manoel Gonçalves da Silva.

Liderança política, Manoel Gonçalves da Silva presidiu a casa hoje chamada de Câmara de Vereadores, onde teve o primeiro contato com as causas republicanas na Revolução, os irmãos Gonçalves da Silva foram figuras que se tornaram ícones do imaginário gaúcho devido ao seu ideário republicano com pensamento positivista, viés político liberal, que tiveram influência na vida e no cotidiano da cidade de Jaguarão.

Com o fim da Revolução Farroupilha a fronteira procura um crescimento a partir do comércio, tanto do lado brasileiro quanto do lado uruguaio, o transporte de mercadorias era feito através de barcos que cruzavam o Rio Jaguarão, onde visualizavam uma perspectiva de crescimento pela própria situação fronteiriça, tradicionalmente incentivadora do comércio.

Em 23 de novembro de 1855, a Vila do Espírito Santo passa à categoria de cidade, sendo denominada Cidade de Jaguarão, com uma população de 6.000 habitantes entre portugueses, espanhóis e escravos. Neste mesmo período foram distribuídos lotes de terras ao longo da Lagoa Mirim e do Rio Jaguarão para, assim, ser garantido o limite entre o Brasil e Uruguai.

Nesse mesmo ano de 1855 no mês de outubro, a cidade foi marcada pela virulência do Cholera Morbus vitimando centenas de pessoas e ocasionando a fuga de outras tantas no desespero de buscar refúgios em outros lugares não alcançados pela epidemia, em decorrência dessa epidemia que levou 329 pessoas à morte, o terreno foi então doado por José Alberto Portela a pedido da Igreja, juntamente com o padre João Themudo.

No ano seguinte, em 1856 começa a ser construído o Cemitério com a administração das Irmandades Católicas e o Padre João Themudo, sendo assim nasce a história e a importância desse espaço no contexto indenitário do município de Jaguarão, em um recorte geográfico afastado da cidade preservando os moradores de doenças contagiosas comuns da época, com o intuito de resguardar e enaltecer a memória dos mortos.

Pensando em um campo santo que abrigasse a população de Jaguarão, as Irmandades do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição, que levam o nome de Irmandades fazendo uma referência aos irmãos maçons, e o Padre João Themudo, organizaram a planta baixa do cemitério, que se encontra no alto da colina a oeste da cidade, tendo como norte a premissa que no centro da cidade de Jaguarão está a Igreja Católica Matriz do Divino Espírito Santo, no seu lado esquerdo a Santa Casa de Caridade de Jaguarão, referenciando a vida através do nascimento do sol e no seu lado esquerdo o Cemitério das Irmandades, referenciando a morte através do pôr do sol.

Logo, em 1858 foi concluída a construção e organização do cemitério das Irmandades por ruas e quadras, fato curioso é que passados sete dias da inauguração oficial do cemitério, o Pe. João Themudo veio a falecer, sendo sepultado na ala direita da entrada, referente à Irmandade Nossa Senhora da Conceição, a qual pertencia, tal mausoléu está edificado no primeiro espaço da ala referida, enterrado a sete palmos do chão, conforme o Padre Themudo deixou escrito em suas anotações antes de morrer.

O Campo Santo, ocupa uma área de 13.512m², área esta que em sua planta baixa original está dividida em duas alas - na ala direita os túmulos pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e na ala esquerda ficou destinado aos mortos da

Irmandade do Santíssimo Sacramento, como era dividida a cidade na época de sua construção, os muros laterais, esquerdo e direito, revelam essa intenção, pois neles estão gravadas as inscrições das Irmandades em que se destacam: “Sacramento”, por um lado, e “Conceição”, por outro, acima dessas inscrições está lapidado um globo com uma cruz sobreposta, simbolizando a Igreja Católica.

Ao fundo do corredor que divide as duas alas do Cemitério das Irmandades, foi construído após alguns anos uma pequena igreja destinada às famílias dos mortos e às práticas religiosas solicitadas pela população em datas importantes para reverenciar aqueles que estão enterrados no Cemitério, a igreja possui uma identidade explícita na fachada fazendo referências maçônicas, muito semelhantes ao prédio da Loja Maçônica Luz Transatlântica que está situado no centro histórico da cidade de Jaguarão, assim fortalecendo a gerência pelo espaço mortuário tendo em seu interior uma imagem católica da sagrada família e artefatos da igreja católica enaltecendo sua simbologia.

Considerações finais

Como é possível observar, o Cemitério das Irmandades é um espaço rico de memória que transpassa a paisagem cultural relacionada ao tempo, sua transformação em um produto turístico histórico/cultural se integra a identidade da cidade de Jaguarão, mesmo que a ideia possa ser vista como um turismo negro, mórbido o patrimônio cultural que jaz naquele espaço está carregado de memória, cultura e identidade através da arquitetura e da religião ali registradas nas lápides e imponentes mausoléus.

Ainda pelos corredores do cemitério a arte funerária existente naquele espaço, evidencia-se nas diferentes crenças a respeito da morte, os múltiplos grupos sociais que construíram o espaço tumular e as diversas épocas do tempo em que foram realizados os enterramentos, bem como os símbolos religiosos que demonstram as crenças, pensamentos, ideologias e valores sociais e financeiros.

Ao visitar o cemitério das Irmandades admira-se o acervo ali contido que desperta uma atenção até mesmo dos que desconhecem o valor histórico cultural das relíquias tumular dando sentido ao lugar de memória. Ao percorrer os corredores o conhecimento histórico se faz presente na identificação de personagens importantes na relação da história e da cidade com os heróis de guerra, moças que morreram por amor, artistas locais, e homens e mulheres que deixaram seu registro para a eternidade.

Os ritos e os mitos existentes envolvendo cada túmulo ou mausoléu, explicam a realidade e a importância do morto no sentido social, pode-se observar através desses valores o quanto a sociedade evoluiu no sentido de preservar a memória daqueles que amamos e que não queremos que sejam esquecidos, cada história é uma história e todas

registradas através do tempo em um museu em transformação e criado naturalmente com a diversidade cultural e temporal.

Nesse sentido reforça-se a importância da educação patrimonial com seus bens culturais-históricos dentro dos espaços museal do cemitério das Irmandades na contribuição do desenvolvimento do turismo cultural na cidade de Jaguarão.

Com tantas evidências que potencializam o Roteiro Turístico Cemiterial, entende-se que se faz necessária a produção de um material que possa contribuir com a exploração do bem cultural tornando viável a execução das visitas guiadas no contexto educacional e turístico, promovendo o desenvolvimento da cidade e região, através da valorização deste bem como um Museu à Céu Aberto.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipuc, 2000.
- BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia/ org. Harry Rodrigues Bellomo**. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 280p.
- BETTEGA, Maria Lúcia. **Eventos e Cerimonial: Simplificando as ações**. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- BRANDÃO, Giane; Equipe Cemitérios P. **Vamos Passear... No cemitério?** Disponível <http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Passear_no_cemiterio.pdf> Acesso em: 30 mai 2016.
- BORGES, Maria Elizia. **Aspectos do Revival Egípcio e Classicista na arte Funerária Brasileira**. XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro da História da Arte. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- CADERNO JAGUARENSE. **Jaguarão**: Instituto Histórico e Geográfico, Evangraf. v. 5, 2013.
- CHARÃO, Egiselda Brum. **Estudos Históricos – CDHRP – Agosto**, 2009.
- ELUSTA, H.A.de L. **Visita ao museu de pedra: O Cemitério da Saudade de Campinas– SP**. / Halima Alves de Lima Elusta. – Goiânia, GO: [s.n.], 2008.
- FARAH, Ana Paula. **Restauração arquitetônica: a formação do arquiteto no Brasil para preservação do patrimônio edificado**. Rev. Bras. História [online]. Franca, vol. 27, n. 2, p. 31-47. 2008.
- FERREIRA, J. M. Simões. **Arquitetura para a morte**. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitetura. Lisboa; Fundação Klouste, Gulbenkian, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- NICÁCIO, Maria Fernanda. **A relação entre o Turismo e eventos Fúnebres**, 2006.
- OSMAN, Samira Adel, RIBEIRO, Olivia Cristina Ferreira. **Arte, História, Turismo e Lazer Nos Cemitérios da Cidade de São Paulo**, Licerce, Belo Horizonte, v 10 , n. 1, abril, 2007.

PEGAS, Ana Paula. **O Visível que não se vê e o patrimônio cemiterial**: proposta de uma criação de uma rota turística nos cemitérios do Porto. 2013. P.143. Dissertação de Mestrado – Universidade do Porto. Porto, 2013.

PEREIRA, José Carlos. **Procedimentos para lidar com o tabu da morte**. Revista ciência & saúde coletiva. Edição 18.9, set. 2013.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da Morte Necrópole da Vida**. São Paulo: Carthago, 2000.

SIAL, Vanessa de Castro. **Das igrejas ao cemitério**: Políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX, 2007.

SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. **Campinas Sagradas**: Práticas tradicionais de sepultamento na cidade de Diamantina. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, v.3, n. 7, mai. 2010.